

■ Laroyê Exú! O “Trabalho” de Ronald Duarte¹⁰³

.....Barbara Szaniecki

Morador de Santa Teresa, Ronald Duarte decidiu “mostrar” o monstro carioca: a violência que irrompe a qualquer momento do cotidiano aparentemente tranquilo de um povo que se diz “cordial”. É difícil simplesmente mostrá-lo quando os meios de comunicação monopolizam os discursos e estigmatizam os jovens mestiços que escolheram o tráfico de drogas (e, portanto, o porte de armas de fogo de grosso calibre) como forma de vida. Por sinal, Santa Teresa não é o único bairro do Rio de Janeiro a se encontrar frequentemente sob os “fogos cruzados” entre traficantes de drogas, ou entre polícia e traficantes. Ronald não pretende fazer eco ao discurso midiático que decide onde se encontra o “Bem” e onde se encontra o “Mal”, assim como não pretende fazer a apologia da violência, mas simplesmente “mostrá-la” para que ela não se torne um assunto tabu. Recorre então a sua prática de religião afro-brasileira. O candomblé é politeísta e, logo, não maniqueísta. Suas divindades consistem em orixás que, como os homens e as mulheres, possuem muitas qualidades e defeitos. Nem Deus nem Diabo, **Exu** – orixá da terra, da potência, do sexo, do movimento e da comunicação – é ambivalente na medida em que o sentido de suas ações deve ser construído pela comunidade. Em 2001, tal como Exu convoca seus guerreiros e joga sangue sobre a terra, Ronald chama seus amigos e inunda as ruas da cidade com água misturada a pigmento vermelho e lançada de um caminhão-pipa. “*O Q Rola Você V*” (2001) abre então a guerra dos debates midiáticos e artísticos sobre a guerra no Rio de Janeiro. A ação, registrada em vídeo, lança a série “*Guerra é guerra*”.

São 3 horas da madrugada em Santa Teresa, e Xangô – o orixá da guerra cujos elementos são o cobre e o fogo – é invocado com “*Fogos Cruzados*” (2002). Ronald reúne artistas e pessoas do bairro para pôr fogo nos 1500 metros de trilhos do bondinho. Um velho ditado diz “quem brinca com fogo pode-se queimar”. No Rio, não se brinca com fogo, ou seja, com o biopoder policial que decide sem hesitar quem pode matar ou não, de acordo com sua cor de pele.

103 Texto originalmente publicado na revista MULTITUDES, número 40: <http://multitudes.samizdat.net/>.

Por precaução, camisetas foram serigrafadas com o nome “Ronald” e foram distribuídas entre os participantes do ritual, de modo que quando a polícia chegou e perguntou pelo artista, encontrou-se frente a uma legião. Coube, pois, à multidão reunida em volta desses trilhos ardentes decidir – e não “julgar” – que sentido atribuir à violência dos jovens que vivem nas favelas cariocas cobertos de armas e cheios de cocaína.

“*A Sangue Frio*” (2003) coloca em cena seu destino: blocos de gelo de cerca 1 metro, tal como são vendidos no comércio, foram enrolados pelos cobertores que moradores de rua costumam usar para se proteger, manchados de corante vermelho e espalhados pelo centro da cidade sob olhares de indiferença. O tema e a inquietação provocada pela violência permanece na performance “*Traçantes*” (2003) que simula, sobre o corpo do artista, a trajetória luminosa de “balas perdidas” que, contrariando a sua denominação, vitimam muitos corpos.

As referências afro-religiosas também estão presentes em “*Pisando em Ovos*” (2005), intervenção urbana envolvendo cerca de vinte artistas coordenados por Ronald e utilizando mais de 3000 ovos na Esplanada dos Ministérios de Brasília. Caminhar sobre ovos indica a prudência necessária para não reproduzir as denúncias midiáticas de corrupção no governo, de modo a poder atribuir outros sentidos aos eventos. A possibilidade da passagem de uma política da representação a uma radicalização democrática é apresentada por um “ebó” que renova as energias de Brasília. Da capital federal planejada, símbolo da modernidade brasileira, nos dirigimos em seguida para a desmedida periferia do Rio de Janeiro. Realizada com Aderbal Ashogum, “*Treme Terra*” (2006) é uma construção de esculturas sonoras com cinquenta “atabaques” de oito terreiros de Candomblé da Baixada Fluminense.

Se Exu é a referência na série sobre a guerra, Oxalá é o orixá chamado em “*Nimbo Oxalá*”, escultura efêmera de liames duráveis ou não, realizada em várias cidades do Brasil e do mundo. Os participantes reunidos em círculo, sexta-feira ao meio dia, todos vestidos de branco e, com extintores de fogo na mão, formam uma imensa nuvem ao som dos tambores. Aqui não há procura de paraíso perdido ou de inocência primitiva em algum mito da criação que possa seduzir turistas doentes de civilização. Tal como Exu e Oxalá, Ronald abre caminhos para a criação artística e a transformação social com seu engajamento no coletivo artístico *Imagário Periférico*, na revista de arte e política *Global/*

Brasil e na rede *Universidade Nômade* que milita pela democratização do acesso a universidade brasileira. Apesar da forte presença dos elementos da natureza, o “trabalho” de Ronald é profundamente ligado às lutas sociais das metrópoles e se desdobra num contexto de uma rica produção de imagens e de sons vinda das favelas e da periferia – grafite, música, fotografia, cinema e audiovisual em geral. Essa produção é imediatamente integrada na economia formal sob a etiqueta “estética da periferia” por um lado e, por outro, alimenta um circuito de vendedores ambulantes – os camelôs igualmente perseguidos pelas “forças da ordem” – potencializando, na própria economia alternativa, seus sentidos simbólicos. “*Funk da Coroa*” (2007) confirma esse agenciamento da religião com os movimentos sociais urbanos. Após séculos de perseguição, o samba ganhou estatuto de arte e a capoeira aquele de esporte. Agora é a vez do “*funk*” ser combatido pela mídia e pela polícia sob pretexto de apologia da violência do narco-tráfico ou de exaltação da sexualidade. No Museu Imperial de Petrópolis, Ronald substitui a paisagem bucólica que desponta pelas grandes janelas da Sala de Música pelas fotos do Morro da Coroa, uma das favelas mais violentas do Rio de Janeiro, e sintoniza um funk “proibidão”. O museu desliga.

Finalmente, todos os circuitos abertos por esses agenciamentos – comunicação vertical entre a terra e o céu ou entre o evento e o eterno, mas sobretudo conexão horizontal entre todas as singularidades de uma comunidade efêmera e fugidia – apresentam-se como resistências à regulação biopolítica das circulações materiais e simbólicas. Essas resistências não deveriam, por conta de suas aparências exóticas, serem interpretadas como “pré-mídias”, mas como fenômenos da era “pós-mídia” (Guattari, 1996) e também, na medida em que o capitalismo contemporâneo, dito cognitivo, procura seus modelos pelo lado da arte (Moulier-Boutang, 2007), da era “pós-arte-contemporânea”. Mais do que origens africanas, é um devir brasileiro (Cocco, 2009), ao mesmo tempo mortal e vital que o “travail” de Ronald Duarte exprime. E, através dele, o artista comunicador-conectador imprime novos sentidos a formas de vida que, frequentemente apresentadas como violentas, tornam-se novamente potentes. *Laroyê Exú!*¹⁰⁴

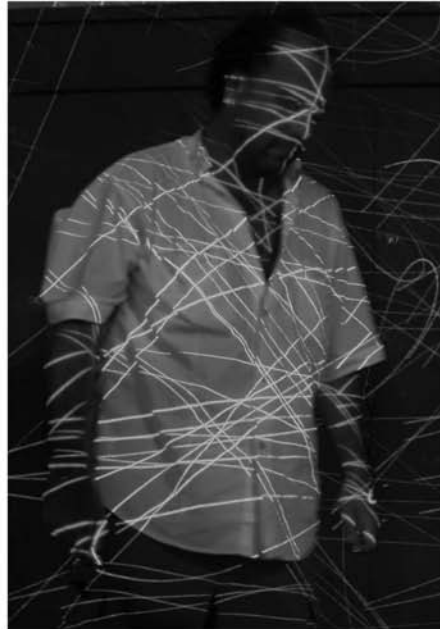
104 “*Laroyê Exú!*”: saudação a Exu, orixá da comunicação.



Fogos Cruzados de Ronald Duarte. Foto de Wilton Montenegro.



A Sangue Frio, de Ronald Duarte.
Foto de Fernando Rabelo (Agência JB).



Traçantes, de Ronald Duarte.
Foto de Paulo Innocêncio.



Pisando em Ovos de Ronald Duarte.
Fotos de Sonia Guerra.



Treme Terra, de RD com Aderbal de Ashogum. Foto de Wilton Montenegro.



Nimbo Oxalá (Ushuaia), de Ronald Duarte. Foto de Juan Guerra.

.....
.....
.....
Referências

COCCO, Giuseppe. *Mundobraz: o devir Brasil do mundo e o devir mundo do Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GUATTARI, Félix. *Vers une ère post-média*. Texto inédito de outubro 1990, publicado na revista *Chimères*, número 28, primavera-verão 1996. <http://biblioweb.samizdat.net/article26.html>.

MOULIER BOUTANG, Yann. *Le capitalisme cogniti – la nouvelle transformation*. Paris: Éditions Amsterdam, 2007, p. 109.

■.....**Barbara Szaniecki** é formada pela École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs de Paris e atua como designer no campo social e cultural. Mestre e Doutoranda do LaRS (Laboratório de Representação Sensível) do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, é co-editora das revistas GLOBAL/Brasil e LUGAR COMUM, ambas da Universidade Nômade e autora de *Estética da Multidão*.